

Duração das aulas em tempos de COVID-19 e qualidade de desempenho docente na Escola Secundária Chinhamapere, em Manica-Moçambique¹

*Calton Armindo Mahoche²
Fernando Chongo³*

Resumo

A crise sanitária mundial, provocada pela Covid-19, tem estado a catalisar a ocorrência de mudanças nas práticas escolares em Moçambique. Fecham-se e reabrem-se escolas, reduz-se o tempo de permanência na sala de aulas, seguindo-se um paradigma inusitado, que tem sido justificado pela necessidade de cada vez mais distanciamento físico entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem. O presente artigo tem como objetivo analisar a influência da atual duração das aulas na qualidade de desempenho docente na Escola Secundária Chinhamapere, no distrito de Manica, província do mesmo nome, em Moçambique. Em termos de metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que participaram 7 professores, inquiridos intencionalmente por entrevista semiestruturada entre abril e junho de 2021. Da análise feita aos dados recolhidos concluiu-se que a redução da duração das aulas influencia negativamente na qualidade do desempenho docente e, esta propicia o fraco nível de aprendizagem dos alunos na Escola Secundária Chinhamapere.

Palavras-chave

Qualidade; Desempenho docente; Aprendizagem.

Recebido em: 24/09/2022

Aprovado em: 31/03/2023

¹ Este trabalho foi desenvolvido e escrito em Português de Moçambique, não sendo feitas revisões textuais na Língua Portuguesa do Brasil, em respeito à origem.

² Universidade Púngue, Moçambique. E-mail: camahoche@gmail.com

³ Universidade Púngue, Moçambique. E-mail: fernandochongo@yahoo.com

Duration of classes in times of COVID-19 and quality of teaching performance at Chinghamapere Secondary School, in Manica-Mozambique

Abstract

The global health crisis, caused by Covid-19, has been catalysing changes in school practices in Mozambique. Schools are being closed and reopened, the time spent in the classroom is being reduced, following an unusual paradigm that has been justified by the need for more and more physical distance between the subjects of the teaching-learning process. The present article aims at analysing the influence of the current lesson duration on the quality of teaching performance at Chinghamapere Secondary School, in the district of Manica, province of the same name, in Mozambique. In terms of methodology, this is a qualitative research, in which 7 teachers participated, intentionally surveyed by semi-structured interview between April and June 2021. From the analysis of the data collected, it was concluded that the reduction in the duration of lessons has a negative influence on the quality of teaching performance and this leads to the low level of learning among pupils at Chinghamapere Secondary School.

Keywords

Quality; Teaching Performance; Learning.

Introdução

A crise sanitária mundial, provocada pela Covid-19, tem estado a catalisar a ocorrência de mudanças nas práticas escolares em Moçambique. Fecham-se e reabrem-se escolas, reduz-se o tempo de permanência na sala de aulas, seguindo-se um paradigma inusitado, que tem sido justificado pela necessidade de cada vez mais distanciamento físico entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, a questão da qualidade, que tem sido o denominador comum em todos os sistemas educativos, não tem sido perdida de vista, constituído mesmo assim, a maior preocupação dos analistas das práticas educativas escolares. Na perspectiva didática, a consideração do tempo de duração de uma aula constitui um fator determinante de melhoria da qualidade de ensino e da aprendizagem, já que ele é vital para a reflexão na e sobre a ação (DE OLIVEIRA & PRYJMA, 2016).

O presente trabalho debruça-se sobre a duração das aulas em tempos de COVID-19 e a sua influência na qualidade de desempenho docente na Escola Secundária Chinhamapere, em Manica. Assim, a necessidade do desenvolvimento de um estudo sobre a temática em questão prendeu-se com a necessidade que os pesquisadores tiveram, de analisar a influência que tem a duração atual das aulas na qualidade de desempenho dos docentes neste período da pandemia causada pelo Covid-19.

É importante referir que a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) estabelece que Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus (SARS-COV-2) e tem como principais sintomas a febre, o cansaço e tosse seca. Esta doença, foi diagnosticada pela primeira vez na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China.

A pandemia da COVID-19, espalhou-se rapidamente em todo mundo e os seus impactos são visíveis em todos os países e em muitos setores. A crise pandémica

inclui o setor da educação e em particular a qualidade de ensino nas suas várias dimensões.

Estamos passando por tempos difíceis, em que os modelos que usávamos para a gestão dos processos de ensino-aprendizagem têm sido mudados de forma radical. Para muitos professores, os efeitos da pandemia têm significado de ter que se trabalhar como nunca haviam experimentado.

Está sendo um grande desafio criar um modelo de aulas distante do contexto antigo, ao qual o professor já se tinha acostumado. Nestes tempos de pandemia requer-se a utilização de novas práticas, tais como: o uso de recursos digitais, novos procedimentos metodológicos, entre outros.

Como forma de orientações para o decurso das aulas em 2021, face a COVID-19, o Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH) fez um reajuste aos seus programas de ensino, em termos de conteúdos. Com esta medida tem-se em vista permitir o uso dos conteúdos julgados imprescindíveis na consolidação do desenvolvimento de competências (Instrução Ministerial nº06/GM/MINEDH/2020).

O Regulamento do Ensino Secundário Geral (RESG, 2003) estabelece que cada aula do Ensino Secundário Geral (ESG) tem a duração de 45 minutos. No entanto, devido a Pandemia causada pelo COVID-19, o MINEDH, tem reajustado também os horários. Como resultado disso, a duração da aula passou de 45 minutos para 30 a 25 minutos dependendo das condições de cada Escola. Mais ainda, as aulas devem ser dadas em bloco de 60 a 50 minutos por disciplina, contrariamente aos blocos estabelecidos antes do período do Covid-19, que eram de 90 minutos por disciplina. Entretanto, os reajustes de programas e de horários de duração das aulas não foram antecidos por capacitações aos executores, que são os professores. Estes, com esta nova realidade, deviam ser munidos de novas

técnicas e procedimentos metodológicos para a garantia da qualidade das suas práticas docentes.

Ribeiro (1999) defende que, um determinado plano ou programa de ensino exige a qualificação do professor nas matérias e tipos de experiências de aprendizagem nele propostos, sob pena de haver discrepâncias entre o professor disponível e o requerido pelo currículo. Ademais, para Nóvoa (1997), não há ensino de qualidade, nem reforma educativa e inovação pedagógica, sem uma adequada formação de professores. Perante as constatações feitas, formula-se o seguinte problema de investigação: *Que influência tem a duração atual das aulas lecionadas em tempos de Covid-19 na qualidade de desempenho docente na Escola Secundária Chinghamapere?*

Conforme tem sido referenciado, o trabalho aborda sobre a temática a duração das aulas em tempos de COVID-19 e a sua influência na qualidade de desempenho docente na Escola Secundária Chinghamapere em Manica. Em função do problema que foi levantado, determinou-se como objetivo desta pesquisa analisar a influência da duração atual das aulas na qualidade de desempenho docente na Escola Secundária Chinghamapere.

O presente artigo foi estruturado em cinco partes principais. Na primeira abordou-se a introdução; na segunda tratou-se do quadro teórico. Na terceira, fez-se menção da metodologia. Na quarta, fez-se a apresentação e análise de dados. Na quinta parte, por fim, foram apresentadas as considerações finais.

Didática da aula no ensino secundário

Antes de avançarmos com o desenvolvimento da didática do ensino secundário, convém definir o conceito didática. De Nogueira (2011) explica a didática como a ciência da solução do problema da transmissão formal dos conhecimentos. Por

outro lado, Bertoldo, Franciscotto, Pereira e Shitsuka (2019) sustentam que a didática pode ser definida como parte da pedagogia que trata dos princípios que direcionam a atividade educativa, com o objetivo de torná-la mais eficiente.

Com efeito, a didática pode ser entendida como a arte de facilitação da construção de conhecimentos. Dito de outro modo, a didática é a arte que inspira ao docente uma série de práticas, para a facilitação da aprendizagem do homem e da mulher, para que possam crescer de forma progressiva em termos de conhecimentos, habilidade e atitudes, de modo a melhor servirem a sua sociedade.

Sobre a didática das aulas do ensino secundário, Almeida e César (2006) salientam que habitualmente, os alunos admitem a existência de um emissor, que é o professor. O seu saber é legitimado perante uma audiência, construída por vários receptores, que são os alunos. Estes aprendem num único processo de facilitação de aprendizagem que culmina com a sua assimilação e acomodação (ALMEIDA & CÉSAR, 2006, p. 36).

Desta feita, percebe-se nesta concepção de esquema de aprendizagem, que os alunos são premiados quando reproduzirem, o mais fielmente possível, os conteúdos que foram transmitidos pelo professor e, em seguida memorizá-los. Nesta senda, o professor é visto como o detentor do saber, do qual se espera que ensine. Por sua vez, o aluno percebe a reprodução dos saberes como aprendizagem e deve provar ao professor que aprendeu os conhecimentos transmitidos.

Para ultrapassar as barreiras acima citadas, Almeida e César (2006) sugerem um contrato didático inovador. Estes propõem que o professor seja quem questiona de forma atenta, ou um orientador que leva os alunos a refletirem sobre as questões colocadas e sobre as estratégias de resolução, respeitando os ritmos de aprendizagem de cada um.

É facilitador e moderador das aprendizagens, certificando-se que dá oportunidades aos alunos para participarem de experiências educativas que contribuam para uma aprendizagem significativa. É, simultaneamente, um aprendiz, na sala de aula, em conjunto com os seus alunos.

Quanto aos alunos, estes são considerados agentes ativos na construção dos seus saberes. São estimulados a ação protagonista em prol da aprendizagem. Nisso, engajam-se em aprender a discutir e solucionar os seus problemas de investigação com os seus colegas. Mais ainda, aprendem a explorar os erros de uma forma construtiva, passando a encará-los como uma situação superável no processo de aprendizagem.

Segundo De Almeida et al (2017), cerca de 73% das Unidades Orgânicas recorre aos tempos letivos de 45 minutos por aula. O tempo atribuído para a escola e em contexto sala de aula são as horas que os alunos devem estar na escola e na aula[...]. Este tempo é concebido como suficiente para aprendizagem do aluno, assim como para desenvolvimento das atividades que tem a ver com a prática do docente na sala de aulas.

Qualidade de desempenho docente no ensino secundário

Day (2001) salienta que a qualidade de desempenho docente é uma constante atualização científica e pedagógica, que ajuda a consolidar compromissos, contribuindo para a renovação das mentalidades dos alunos para a aprendizagem.

Na opinião de Costa (2013) sustenta que a qualidade do desempenho docente incide sobre três grandes dimensões: i) científico-pedagógico, que se destaca pela sua centralidade no exercício profissional; b) a participação na vida da escola, na

relação com a comunidade educativa e, c) a formação contínua e o desenvolvimento profissional.

Como se pode depreender, a qualidade do desempenho do docente do ensino secundário deve cingir-se na sua atuação científico-pedagógico, auto-formação e crescimento a nível profissional, através da sua participação ativa nas ações que visam o desenvolvimento da escola. Costa (2013), afirma que para que o docente tenha qualidade no seu desempenho:

O docente deve atualizar e aperfeiçoar os seus conhecimentos, capacidades e competências, numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida, de desenvolvimento pessoal e profissional e de aperfeiçoamento do seu desempenho; zelar pela qualidade e pelo enriquecimento dos recursos didático-pedagógico utilizados, numa perspetiva de abertura à inovação (COSTA, 2013, p. 144).

Do exposto acima, percebe-se que o docente deve estimular o desenvolvimento das suas capacidades, a sua autonomia e criatividade. É essa a condição do desenvolvimento do seu desempenho implique o seu poder de impulsionar o crescimento do rendimento escolar dos alunos e a qualidade das aprendizagens.

Atendendo à multiplicidade dos seus conhecimentos e habilidades, o docente deve ser capaz de manter a disciplina e exercer o domínio pedagógico com rigor (COSTA, 2013, p. 148). A qualidade do desempenho docente deve, assim, propiciar ações que facilitem as aprendizagens dos alunos. Por conseguinte, é imprescindível estimular o desenvolvimento pessoal e profissional do docente, no quadro de um sistema de estímulo do mérito e da excelência.

Aprendizagem no ensino secundário

Segundo Piletti (2004), “aprendizagem é o processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir” (p. 36).

Bertoldo, Franciscotto, Pereira e Shitsuka (2019) afirmam que aprendizagem é um processo de aquisição de uma mentalidade científica, o desenvolvimento das capacidades de análise, síntese e avaliação, bem como, aprimoramento da imaginação criadora. A aprendizagem é assim, a forma através da qual os conhecimentos são construídos, como consequência do investimento feito pelo aprendente através do seu trabalho, estudo, juízo e experiência.

Segundo Carneiro (2001), “a necessidade de aprender deve surgir e satisfazer-se tão naturalmente como se respira” (p. 30). Neste contexto, a precisão da aprendizagem é uma particularidade da vida pessoal de cada um de nós. Costa (2013), distingue três modelos de aprender, complementares entre si: (i) O aprender ensinado, corresponde à educação institucionalizada, dos primeiros anos de vida. O seu objetivo visa desenvolver competências básicas de acesso à informação e à sua interpretação autónoma. Representa o primeiro passo da socialização do indivíduo, fora do agregado familiar; (ii) O aprender assistido, que ocorre nos mais variados lugares e tempos, podendo desenrolar-se nas empresas, no local de trabalho, na Internet, ou outros. A diferença, relativamente ao anterior, é que na sua essência procura dar respostas individuais às solicitações de cada aprendente, e (iii) O aprender autónomo, que decorre naturalmente, da parcela do saber que emerge como constructo pessoal e social. Nesta sua dimensão subjetiva, os caminhos para aprender e interpretar conhecimentos são variados, desde o silêncio à observação, da leitura crítica ao debate qualificado e à capacidade de reflexão (COSTA, 2013, p. 159).

Costa (2013) afirma que o Ensino Secundário passou a configurar-se como uma unidade autónoma que, além da prossecução de estudos, tem a função de preparar para a inserção socioprofissional dos cidadãos na sociedade. Neste sentido está claro que, é indispensável que a educação escolar seja capaz de garantir caminhos adequados, procurando evitar o fracasso e a desistência,

através de um modelo que estimule a aquisição de aprendizagens realmente significativas, interna e externamente legitimadas.

Metodologia

24

O paradigma deste trabalho é qualitativo. Sobre a pesquisa qualitativa, Freitas e Prodanov (2013) consideram que é a que impulsiona uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números.

Este trabalho, do ponto de vista de método, seguiu uma abordagem fenomenológica, porque procurou compreender as experiências sobre a duração das aulas e qualidade de desempenho docente na Escola Secundária Chinhamapere, em Manica. No decorrer da interpretação fenomenológica, o pesquisador tenta compreender os significados expressos nas falas e traduzi-los conforme a sua percepção, mantendo-se, porém, fiel às ideias do depoimento como um todo (DAS GRAÇAS, 2000, p.32).

A pesquisa envolveu 07 professores, do 2º Ciclo. Importa salientar que a escolha dos participantes observou a amostragem não probabilística intencional (STEVENSON, 1981). No que concerne à técnica de coleta de dados, nesta investigação aplicou-se a entrevista semiestruturada, e o respectivo instrumento foi um guião de entrevista, que foi aplicado aos professores da Escola Secundária Chinhamapere.

Apresentação, análise e discussão de dados

Nesta seção faz-se a apresentação, análise e discussão dos dados obtidos na pesquisa a partir das 5 questões da entrevista semiestruturada que orientam o estudo. Como forma de garantia do anonimato dos sete participantes desta pesquisa, e por uma questão de ética de investigação, atribuiu-se lhes códigos.

A primeira questão colocada aos entrevistados, no processo de coleta de dados, foi a seguinte: **Que justificção se dá à atual duração das aulas no ensino secundário?** As respostas foram as seguintes:

(E1) A justificção da situação atual das aulas em tempo de Covid-19 é que o tempo é muito reduzido, mas temos feito um esforço para conseguir cobrir os conteúdos programáticos e obter resultados razoáveis.

(E2) A situação das aulas em tempo de Covid-19 é justificada olhando para a conjuntura atual que é imposta por causa desta pandemia, primeiramente o tempo era visto como pouco, mas acabamos compreendendo isto.

(E3) A duração das aulas agora é muito pouca olhando para o tempo estebelecido atualmente, e em contra partida os conteúdos ainda continuam longos.

(E4) A situação das aulas em tempo de COVID-19 é justificada por curta duração das aulas no ensino secundário, que este cenário não tem ajudado para o cumprimento dos programas de ensino.

(E5) A justificção que se dá à atual duração das aulas no ensino secundário visa essencialmente atender a situação da pandemia da COVID-19, já que temos que estar pouco tempo na Escola para evitar o contágio entre alunos, independentemente da natureza da disciplina o tempo é muito pouco para interação na sala de aulas, mas há que procurar outras formas de interagir com alunos fora da sala, isto é, usando a plataforma de whatsapp.

(E6) A atual duração das aulas no ensino secundário é muito complicada considerando que o aluno atual precisa de muito tempo de interação com o professor, por que com 50 minutos que têm com professor na sala de aulas e uma vez por semana é difícil mesmo.

(E7) A atual duração das aulas no ensino Secundário não está sendo bom, isto porque antigamente os professores tinham muito tempo de interagir com os alunos, os temas dávamos como devia ser, actualmente o professor deve resumir muitos os conteúdos o que dificulta na compreensão dos alunos.

Quase todos entrevistados foram implicitamente unânimes ao afirmar que a duração das aulas neste tempo de COVID-19 é caracterizada por redução do tempo de contato professores-alunos como forma de evitar-se a sua contaminação. Entretanto, referiram que para eles a redução do tempo de lecionação dificulta muito no processo de ensino-aprendizagem.

As respostas dos entrevistados indicam que o tempo de duração das aulas estabelecido antes da pandemia mostrava-se relativamente melhor para influenciar a qualidade de desempenho docente. Esta convicção diverge com RESG (2003) que defende que a duração de uma aula é de 45 minutos como sendo o tempo didaticamente conveniente que deve durar uma aula.

A segunda questão foi colada da seguinte forma: **Que dificuldades têm sido constatadas na lecionação em blocos de 60 e/ou 50 minutos?** As respostas foram:

(E1) Uma das dificuldades que tenho em carrada na lecionação em blocos de 60 e/ou 50 minutos, é que o tempo é muito reduzido que vai minar a qualidade da aprendizagem dos alunos, porque o que está acontecer é que o docente passa por cima dos conteúdos, sem aprofundar e, isto justifica-se por escassez do tempo para aquele diálogo entre professor-aluno.

(E2) As dificuldades que têm sido constatadas na lecionação em blocos de 60 e/ou 50 minutos, são muitas porque agora estamos perante a novo normal imposta por Covid- 19, antigamente tínhamos aulas de línguas por exemplo a duração era de 90 minutos, isto permitia-nos dar exercícios, interagíamos com alunos, mas agora com aulas de 50 minutos o professor parece estar a despachar porque o tempo não favorece.

(E3) As dificuldades que têm sido constatadas na lecionação em blocos de 60 e/ou 50 minutos, é que o tempo foi reduzido e os conteúdos continuam vastos, nós como professores não sabemos trabalhar nesta situação.

(E4) As dificuldades que tenho na lecionação em blocos de 60 e/ou 50 minutos, é que o tempo de lecionação não é suficiente para atender as dificuldades apresentadas por cada aluno e assim como para atender as particularidades de cada aluno.

(E5) As dificuldades que encarro na lecionação em blocos de 60 e/ou 50 minutos são muitas, mas baseando na experiência do ano passado retomamos aulas com a duração de 60 minutos por aula, era uma experiência nova porque o tempo era muito curto e os conteúdos eram muitos e esta situação está se verificando agora também.

(E6) As dificuldades que tenho na lecionação em blocos de 60 e/ou 50 minutos são várias por exemplo: o não cumprimento do programa e do planificado, não consigo usar todas as funções didáticas, tendo em conta que só tenho 50 minutos e uma vasta

gama de conteúdos por dar e só tenho contacto com alunos uma vez por semana, praticamente está difícil gerir isto.
(E7) As dificuldades que têm sido constatadas na lecionação em blocos de 60 e/ou 50 minutos é que agora não temos tempo de aprofundar muito bem os conteúdos como fazíamos antigamente.

27

As ideias dos nossos entrevistados não divergem no que tange as dificuldades de lecionação das aulas em bloco de 60/50 minutos, todos narraram que o tempo é muito reduzido que não lhes favorece para melhor aprofundarem os conteúdos, o que de certa forma para alguns vai minar a qualidade da aprendizagem dos alunos, porque o que está acontecer é que o docente passa por cima dos conteúdos.

Outros disseram que dificulta o cumprimento dos programas e do planificado e ainda para alguns não permite para atender as dificuldades apresentadas por cada aluno e assim como para atender as particularidades de cada educando.

Sobre as particularidades de aluno, as respostas dos entrevistados, converge com Mahoche (2019), que salienta que cada professor durante as suas atividades educativas, de acordo com as especificidades da sua disciplina deve trabalhar com vista a garantir a aprendizagem, mas tendo em conta as características dos seus alunos.

Contudo, percebe-se que os docentes enfrentam várias dificuldades na lecionação das aulas em bloco de 60/50 minutos, pois, a maior dificuldade deles, reside na gestão de aulas em bloco de 50 minutos onde todos consideram que o tempo é muito pouco, olhando para os conteúdos que são vários, em que cada professor só tem contato com cada turma uma vez por semana.

Esta situação de contato uma vez por semana é porque a escola tem um efetivo maior e que não tem condições (infraestruturas e pessoal docente) para que os

alunos tenham aulas de segunda a sexta-feira, por isso acabou em optar em aulas intercaladas.

A terceira questão colocada aos entrevistados, no processo de coleta de dados, foi a seguinte: **Na sua óptica, qual é a qualidade de desempenho docente que se denota em função da duração atual da aula?** As respostas foram as seguintes:

28

(E1) A qualidade de desempenho docente que se denota em função da duração atual das aulas é que tudo o que tem haver com o tempo quer para o aluno quer para o professor cria um fracasso para o desempenho docente em termos do seu domínio dos conteúdos, porque ele tem pouco tempo de fazer esforço para que os conteúdos sejam assimilados pelos alunos.

(E2) A qualidade de desempenho docente que se denota em função da duração atual das aulas é razoável, porque está sendo muito difícil agora o docente trabalhar nestas circunstâncias, veja que o que aconteceu foi introduzir novas regras no meio do jogo, o que não podia ser assim, vai perceber que o professor é obrigado a correr com o programa.

(E3) A qualidade de desempenho docente que se denota em função da duração atual das aulas não é melhor, por causa de pouco tempo na sala de aula, o docente mesmo pesquisando não tem espaço para demonstrar o seu brilho, logo baixa o seu desempenho.

(E4) A qualidade de desempenho docente que se denota em função da duração atual das aulas não é satisfatória, pois, os professores estão atentar dar o seu máximo.

(E5) A qualidade de desempenho docente que se denota em função da duração atual das aulas não é boa, por motivo do tempo que é curto, veja só que o professor é obrigado a dar conteúdos que deviam ser dadas em três aulas correspondente a 135 minutos, agora deve dar em 50 minutos, logo o desempenho não é melhor, talvez com o tempo podemos acostumar trabalhar nessa modalidade.

(E6) A qualidade de desempenho docente que se denota em função da duração atual das aulas não é boa, porque eu sinto-me bem quando dou aulas usando o método de elaboração conjunta, isto é, aulas centradas no aluno para explorar no máximo as ideias dos alunos, então, com esta nova modalidade de ensino, eu acabo fazendo o inverso, isto é, aulas expositivas, tudo isso na tentativa de ganhar o tempo, logo o meu desempenho não é melhor.

(E7) A qualidade de desempenho docente que se denota em função da duração atual das aulas é fraca, porque como docente já não estou a ter aquela qualidade que devia ser, pois, agora não estou a lecionar como antes que pegava tema por tema, já estou

a correr atrás do tempo, isto é, estou a pegar dois temas ao mesmo tempo, porque, em cada 25 minutos estou a dar novo tema.

Todos entrevistados disseram que a qualidade do seu desempenho não era melhor, devido a escassez do tempo, alguns destacavam que o docente mesmo pesquisando não tinha espaço para demonstrar o seu brilho por causa do tempo e outros salientavam que sentiam-se bem quando davam aulas centradas no aluno para aproveitar no máximo as opiniões dos alunos.

29

Todavia no que diz respeito a qualidade de desempenho do docente, as ideias dos entrevistados, divergem com Costa (2013), que destaca que o professor deve zelar pela qualidade pessoal e profissional através do enriquecimento dos recursos didático-pedagógico utilizados, numa perspetiva de abertura à inovação.

A pergunta número quatro pretendia saber o seguinte: **Qual é o nível de aprendizagem no tempo estabelecido para a duração da aula?** As respostas foram as seguintes:

(E1) O nível de aprendizagem no tempo estabelecido para a duração da aula é razoável, só que nós não queremos o razoável, mas sim um nível aceitável do aluno na sociedade assim como no mercado de trabalho.

(E2) O nível de aprendizagem no tempo estabelecido para a duração da aula não está sendo bom, porque agora fala-se do uso das plataformas e tecnologias de informação e comunicação, onde para a região de Manica nem todos alunos tem condições para adquirir um telefone Android e o pior de tudo é que há alunos que não sabem usar whatsapp, então, isto está muito difícil.

(E3) O nível de aprendizagem no tempo estabelecido para a duração da aula está abaixo de 50%, sinceramente os alunos não estão aprender devidamente, pois, aquela interação que devia acontecer não está se efetivar.

(E4) O nível de aprendizagem no tempo estabelecido para a duração da aula, não é satisfatória e os alunos não colaboram porque atualmente eles não fazem TPC, avaliações e chegam no final do trimestre sem elementos de avaliação.

(E5) O nível de aprendizagem no tempo estabelecido para a duração da aula não é satisfatório, isto é, em termos percentuais podemos dizer que é de 40%, pois, os alunos não mostram um

nível de assimilação agradável dos conteúdos, não sei se é por causa desta forma de trabalhar, que os alunos só têm 50 minutos em uma vez por semana em cada disciplina ou dislexia dos próprios alunos.

(E6) O nível de aprendizagem no tempo estabelecido para a duração da aula é fraco, sem exagero, parece que o aluno tem em mente que tarde ou cedo vou progredir de classe, então, acaba não se esforçando, para ele basta estar presente na sala de aulas, ora vejamos damos exercícios para resolver em casa, chega na aula seguinte sem ter resolvido.

(E7) O nível de aprendizagem no tempo estabelecido para a duração da aula é muito fraco, porque os alunos não levam a sério, veja só, cada aula tem a duração de 50 minutos e eles sabem disso e em contra partida não chegam a tempo.

As respostas dadas por todos entrevistados revelavam que o nível de aprendizagem dos alunos era muito fraco, o que esperavam com nível de assimilação dos conteúdos por parte dos alunos não estava acontecendo, uma vez que os alunos só vêm na Escola durante três dias por semana e era suposto que se dedicassem muito mais, porque têm muito tempo em casa.

Mas as respostas dos participantes desta pesquisa divergem com Mandlate (2018), que defende que no processo de ensino aprendizagem, requer-se a aplicação de método e técnicas conducentes a aulas centradas no aluno. O ensino centrado no estudante requer dos docentes a habilidade de desenvolver aulas mais ativas e participativas, reduzindo-se ao mínimo necessário as aulas puramente teóricas, [...] (p. 205).

Ademais, a aprendizagem é condicionada pela interação professor e aluno que deve ter uma boa qualidade motivacional. Essa qualidade é suprida quando o estudante exercita a autonomia, se sente competente diante das atividades propostas e pertencente ao grupo de estudantes ao qual convive (BZUNECK, 2010).

Se o aluno não for ativo no seu processo da aprendizagem, isto é, tornando-se passivo, então, acaba acontecendo o que os autores Baldez, Diesel e Martins

(2017), referem que, é ainda muito comum a influência do método tradicional de ensino, centrado no docente e na transmissão de conteúdos, em que os estudantes mantêm uma postura passiva, apenas recebendo e memorizando as informações numa atitude de reprodução.

Fazendo uma análise das respostas acima, percebeu-se que os docentes afirmam que o nível de aprendizagem dos seus alunos não é satisfatório, entre vários problemas destacam-se a redução do tempo do contato professor-aluno que compromete bastante aprendizagem dos alunos, falta de condições por parte de alguns alunos para adquirirem telefones com capacidade de aceder a plataforma de whatsapp e a falta do domínio desta plataforma. Por outro lado, também denota-se desleixo por parte dos alunos no interesse pela sua aprendizagem.

A quinta questão foi colada da seguinte forma: **Em suma, na sua óptica, a duração das suas aulas, nestes tempos de Covid-19, como é que influencia na qualidade do seu desempenho docente nesta escola?** As respostas foram as seguintes:

(E1) A duração das suas aulas, nestes tempos de Covid-19, influência de verdade para a qualidade do desempenho do docente, mas como trabalhamos em grupo de disciplina qualquer dificuldade que um professor encontra apresenta no grupo e lá é superada. Mas também se tivéssemos uma capacitação de como gerir conteúdos que anteriormente davamos em 90 minutos para usar tempo reduzido de 50 minutos seria muito bom.

(E2) A duração das suas aulas, nestes tempos de Covid-19, influencia bastante para a qualidade do desempenho, veja só, o docente também precisa de descanso, nós entramos as 10h e saímos as 18:20h, este horário é de segunda a sexta-feira.

(E3) A duração das suas aulas, nestes tempos de Covid-19, influencia negativamente na qualidade do meu desempenho e na qualidade das minhas aulas, há uma perda mesmo porque aquilo que devia desenvolver não consigo por escassez do tempo, não permite imprimir aquela dinâmica.

(E4) A duração das suas aulas, nestes tempos de Covid-19, influencia negativamente na qualidade do meu desempenho docente nesta escola, porque houve a redução da carga horária da disciplina, onde antes da Covid-19, na minha disciplina tinha 5 tempos letivos de 45 minutos, mas agora foi reduzido para 50

minutos por semana e neste caso sou obrigado a resumir matérias que devia dar em 225 minutos para dar em 50 minutos o que não tem sido fácil.

(E5) O meu desempenho docente nesta escola eu acho que é bom, apesar de vários fatores que influenciam negativamente, como tempo que é curto para interação com alunos e o próprio desempenho dos alunos que não é bom.

(E6) A duração das suas aulas, nestes tempos de COVID-19 influencia negativamente a minha qualidade e desempenho docente nesta escola, por causa de escassez do tempo o professor é obrigado a trabalhar sob pressão de tempo que tem que fazer tudo nas pressas.

(E7) Na minha óptica a qualidade do desempenho do meu trabalho baixou significativamente, porque antes o professor tinha muito tempo na sala, anteriormente o professor dava aulas com toda vontade e como devia ser, sendo que agora tudo está reduzido, agora nós estamos a correr com o tempo ao invés de correr com aprendizagem dos alunos. Eu acho que antes do início das aulas tínhamos que passar por uma capacitação para saber gerir os minutos, os conteúdos nos programas que também foram reajustados e também saber gerir alunos neste tempo de COVID-19.

As respostas dos entrevistados revelam que a qualidade do seu desempenho é negativa, o fator dominante que eles destacam é o tempo que foi reduzido, em contrapartida devem dar os mesmos conteúdos em 50 minutos. Outros falaram da necessidade de uma capacitação.

Entretanto, percebe-se que a qualidade do desempenho dos professores da escola onde fez se a pesquisa baixou, por causa do tempo que eles tem de contato com alunos. Das respostas dadas, compreendeu-se que agora são obrigados a trabalhar sob pressão de tempo e fazem tudo nas pressas ou quase despachado. Só que estas ideias dos entrevistados divergem com Costa (2013), que sustenta que a qualidade do desempenho docente incide sobre três grandes dimensões: científico-pedagógico, a participação na vida da escola, e a formação contínua.

No que concerne a capacitação referenciado pelos entrevistados, convergem com Mahoche (2019), que salienta que para ensino de qualidade é necessário apostar-se na formação contínua dos professores antes de qualquer inovação, isto evita a

existência de professores ideais os requeridos pelo currículo e os reais que existem nas escolas que não se adequam com as exigências prescritas no plano curricular ou no programa de ensino.

Considerações finais

O desenvolvimento da presente pesquisa, intitulada *Duração de aulas em tempos de COVID-19 e qualidade de desempenho docente na Escola Secundária Chinghamapere- Manica*, ajudou-nos a compreender os desafios trazidos por pandemia da COVID-19, para o mundo, para o país e para a classe docente em particular.

A principal dificuldade enfrentada pela classe docente durante a lecionação de aulas em blocos de 50 minutos é o tempo de duração das aulas, que tem sido muito reduzido. Não lhes ajuda na facilitação da abordagem aprofundada dos conteúdos. Chegam a conceber a atual duração como sendo um fator de declínio da qualidade da aprendizagem dos alunos. Ademais, na sua óptica, o tempo que dura uma aula atualmente reduz a possibilidade de suprimento das dificuldades e as particularidades de cada aluno.

No que concerne à qualidade de desempenho docente que se denota em função da duração atual da aula, conclui-se que é fraco, pois, as evidências desta conclusão é que todos os entrevistados afirmaram que não é satisfatório e eles salientaram que o tempo do contato com os alunos é limitado e prejudica grandemente o seu desempenho profissional.

Por outro lado, analisando o nível de aprendizagem dos alunos no tempo estabelecido para a duração da aula em tempos da COVID-19 é muito fraco, entre diversos problemas evidenciam-se a redução do tempo do contato professor/aluno e o desleixo por parte de alguns alunos no interesse pela sua aprendizagem.

Com efeito, da análise feita aos dados recolhidos por entrevista conclui-se que há influência negativa da duração das aulas lecionadas em tempos de Covid-19 na qualidade e desempenho docente na Escola Secundária Chinghamapere, em Manica. Tal influência tem a ver com o tempo que eles têm de contato com alunos, que constitui um potencial fator do fraco nível de aprendizagem.

Referências

ALMEIDA, P. e CÉSAR, M. *Um Contrato Didático Inovador em Aulas de Ciências do 10º ano de Escolaridade*. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias v. 5, n.2. p 356-377.

BALDEZ, A. L. S.; DIESEL, A e MARTINS, S. N. *Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica*. Brasil. Revista Thema, v. 14, p. 268-288.

BERTOLDO, S. R. F. et al. *Didática Geral*. 1ª ed. Santa Maria. RS.UAB/NTE/UFSM. 2019.

BZUNECK, J.A. *A motivação do Aluno: contribuição da psicologia contemporânea*. Petrópolis. Vozes. 2010.

CARNEIRO, R. *Fundamentos da educação e da aprendizagem – 21 ensaios para o século XXI*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão. 2001.

COSTA, C. J. B. *Sucesso Escolar no Ensino Secundário*. 2013. 434 f. Tese (Doutoramento em Ciências de Educação) - Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação. Universidade de Coimbra. 2013.

DAS GRAÇAS, E. M. *Pesquisa Qualitativa e a Perspectiva Fenomenológica: fundamentos que norteiam a sua trajetória*. Belo Horizonte. Minas Gerais. 2000.

DAY, C. *Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editora. 2001.

DE ALMEIDA, S. et al. *Organização escolar: o tempo*. Editora Conselho Nacional de Educação. Lisboa. 2017.

DE NOGUEIRA, M. de L. B. da R. A. *A Filosofia, A didáctica da Filosofia e o Ensino da Filosofia: Um possível retorno a um percurso teórico*. 2011. 63 f.

Dissertação de (Mestrado em Ensino de Filosofia) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. 2011.

DE OLIVEIRA, O. S e PRYJMA, M. F. *O Desenvolvimento Profissional Dos Professores da Educação Superior: reflexões sobre a aprendizagem para a docência*. v. 37, n.º. 136, p.841-857. Educ. Soc. Campinas. 2016.

FREITAS, E.C. e PRODANOV. C.C. *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2ª edição. Editora Feevale. Rio Grande do Sul. 2013.

MAHOCHE, C. A. *Análise da Implementação das Inovações Curriculares em Moçambique: Caso de Estudo nas Escolas Primárias do 1º e 2º Graus de Jécua e do 4º Congresso (2004-2008)*. 2019. 69 f. Dissertação de (Mestrado Administração Educacional) - Faculdade de Engenharia. Universidade Católica de Moçambique. Chimoio. 2019.

MANDLATE, E. *Políticas da reforma no ensino superior e seu efeito nos currícula de IES de Moçambique (1990-2015)*. 2018. Tese (Doutoramento em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Pedagógica de Moçambique. Maputo. 2018.

PILETTI, C. *Didática Geral*. Editora Ática. São Paulo. 2004.

STEVENSON, W. J. *Estatística Aplicada à Administração*. São Paulo: Harbra, 1981.

Legislação:

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO: Instrução Ministerial n.º06/GM/MINEDH/2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: Regulamento do Ensino Secundário Geral/ Diploma Ministerial n.º 61/2003.